

Educação Estético-Ambiental: ações transformadoras na prática docente por meio da linguagem teatral

Educación Estético-Ambiental: acciones transformadoras en la práctica docente por medio del lenguaje teatral

Aesthetic-Environmental Education: transformative actions in the teaching practice through theatrical language

Ma. Pauline Apolinário Czarneski Rezende¹

Lic. Juliana Duarte Simões²

Lic. Josineide Ribeiro da Silva³

Resumo

Neste artigo estaremos apresentando os resultados emergidos a partir de uma palestra seguida de uma oficina Estético-Ambiental que aconteceu na cidade de São José do Norte com professores da rede pública de educação básica. Neste dia foram realizadas falas sobre a conceitualização de Educação Ambiental, Educação Estética e Educação Estético-Ambiental. Uma vez que o evento era sobre Educação Ambiental, recebemos o convite para, além de fazer a fala sobre esses conceitos que são por nós estudados, realizar também uma oficina com os professores para que estes pudessem viver a Educação Estético-Ambiental na prática. Para realizar esse artigo convidamos os e as participantes para responderem a um questionário, a fim de poder compreender de que maneira a teoria e prática vivenciadas naquela tarde foram observadas pelos(as) envolvidos(as).

Palavras-Chave: Educação Estético-Ambiental; Formação de professores; Linguagem teatral.

Resumen

En este artículo estaremos presentando los resultados surgidos a partir de una conferencia seguida de un taller Estético-Ambiental que tuvo lugar en la ciudad de São José do Norte con profesores de la red pública de educación. En este día se realizaron conversaciones sobre la concepción de Educación Ambiental, Educación Estética y Educación Estético-Ambiental. Una vez que el evento era sobre Educación Ambiental, recibimos la invitación para, además de hacer el habla sobre esos conceptos que son por nosotros estudiados, realizar también un taller con los profesores para que éstos pudieran vivir la Educación Estético-Ambiental en la práctica. Para realizar este artículo invitamos a los y las participantes a responder a un cuestionario, a fin de poder comprender de qué manera la teoría y práctica vivenciadas en aquella tarde fueron observadas por los involucrados.

Palabras claves: Educación Estético-Ambiental; Formación de profesores; Language Teatral.

Abstract

In this article we will be presenting the results emerged from a lecture followed by an Aesthetic-Environmental workshop that happened in the city of São José do Norte with teachers from the public education network. On this day, statements were made about the conceptualization of Environmental Education, Aesthetic Education and Aesthetic-Environmental Education. Once the event was about Environmental Education, we received the

¹ Mestre em Educação Ambiental pelo Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental - PPGEA da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. E-mail: paulineczarneski@yahoo.com.br.

² Mestranda em Educação Ambiental pelo Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental - PPGEA da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. E-mail: jujuzynha1203-m@hotmail.com.

³ Mestranda em Educação Ambiental pelo Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental - PPGEA da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. E-mail: josysilva.furg@gmail.com.

invitation to, in addition to speaking about these concepts that are studied by us, also hold a workshop with the teachers so that they could live the Aesthetic-Environmental Education in practice. In order to carry out this article we invited the participants to answer a questionnaire in order to understand how the theory and practice experienced that afternoon were observed by the participants.

Keywords: Aesthetic-Environmental Education; Teacher Training; Theatrical Language.

1. Introdução

Nós como integrantes do NUPEATRO – Núcleo de Pesquisa Estético-Ambiental sobre o Teatro na Educação, vinculado ao IE – Instituto de Educação, pertencente a FURG – Universidade Federal do Rio Grande, fomos convidadas a participar do III Seminário de Educação Ambiental Escolar, realizado pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura de São José do Norte, em parceria com a Secretaria Municipal do Meio Ambiente. O seminário teve como objetivo, dialogar com professores da rede municipal, acerca da Educação Ambiental.

Considerando que nosso tema de pesquisa é Educação Estético-Ambiental, nossa palestra e oficina foram recebidas com muita empolgação pela organização do evento, visto que, esta é uma vertente da Educação Ambiental e uma forma diferente de abordar o tema central do seminário.

Nasceu, então, o interesse de registrar esse momento com uma pesquisa qualitativa voltada para as percepções que os professores presentes na palestra/oficina, tiveram acerca da Educação Estético-Ambiental, dessa forma, buscamos com esse artigo, compreender como a Educação Ambiental, a Educação Estética e as práticas Estético-Ambientais são entendidas por esses educadores, bem como os significados que essa experiência reverberou em suas práticas docentes.

Compreendemos a Educação Ambiental, além de uma visão conservacionista, considerando o conhecimento e a compreensão crítica dos sistemas sociais, como um aliado importante para que se implante de forma consciente e significativa, uma relação harmoniosa entre os sujeitos e a natureza. Para tanto, os conceitos da Educação Estética e da Educação Estético-Ambiental, servem como base para a construção desse trabalho.

Nas seções a seguir, apresentaremos os conceitos inerentes para a compreensão dessa pesquisa: Educação Ambiental, Educação Estética, Educação Estético-Ambiental e oficinas teatrais. Bem como apresentaremos os resultados e discussões obtidos na pesquisa com professores presentes na palestra/oficina.

2. Educação Estético-Ambiental

Para que o leitor deste trabalho possa compreender melhor de que ponto estamos falando, trazemos neste momento a conceituação de Educação Ambiental a qual embasa nossa prática no NUPEATRO, a Educação Ambiental crítica, que por nós é concebida como “impregnada de utopia de mudar radicalmente as relações que conhecemos hoje, sejam elas entre a humanidade, sejam elas entre a humanidade e a natureza”. (REIGOTA, 2012, p.17)

Educar para emancipar é reconhecer os sujeitos sociais e trabalhar com estes em suas especificidades. A práxis educativa transformadora é, portanto, aquela que fornece ao processo educativo as condições para ação modificadora e simultânea dos indivíduos e dos grupos sociais; que trabalha a partir da realidade cotidiana visando à superação das relações de dominação e de exclusão que caracterizam e definem a sociedade capitalista globalizada. (LOUREIRO, 2012. p. 145)

A Educação Ambiental que consideramos em nossa proposta de trabalho é a que busca o encontro com a Educação Estética apresentada por Marx (2010) e Estévez (2003), é a que possibilita uma sensibilização do sujeito por meio do reencontro consigo mesmo e com o outro, das relações com o mundo vivenciado efetivamente, e que possibilite o despertar do posicionamento crítico e solidário diante das problemáticas das relações sociais presentes na sociedade contemporânea (DOLCI, 2014). Ou seja, um olhar reflexivo e crítico sobre as relações que o cercam, e que, de certa forma, ele é responsável por assim ocorrerem, o que expande seu sentimento de pertencimento à sociedade, e ao lugar que ocupa nela.

Desta maneira, acerca da Educação Estética que permeia nossas práticas, referimo-nos a um conceito amplo do estético, que lida com a arte, com o trabalho, com a natureza e com o entorno social. E, associadamente, a um conceito da educação estética que pressupõe uma ação educativa em todas essas esferas: uma ação integral que propicia a formação de necessidades e interesses culturais, e que estimule a criatividade e o desejo de autoaperfeiçoamento. A esse fim deve-se conjugar a educação por meio da arte, do trabalho e da natureza, e a ação combinada da família, do professor, do trabalhador social, do instrutor de arte e do coletivo laboral, assim como das instituições sociais e dos meios de comunicação de massa (ESTÉVEZ, 2009. p. 30).

A Educação Estética propicia esse novo olhar para o mundo e para a vida, permitindo que o ser se torne consciente com o outro e com o lugar onde habita, agente nesse mundo reconhecido e habitado esteticamente. Em contato com a experiência estética, o ser humano externaliza, por meio de diversas linguagens – verbal, corporal e visual –, a sua compreensão da realidade em que está inserido, do mundo que o afeta em busca de respostas, possibilitando-lhe a criação de visões de

mundo e fomentando-lhe a elaboração de releituras da realidade, com o intuito de não limitar o mundo em que se vive, mas, sim, de vê-lo de maneira ampla: um mundo de possibilidades. (DOLCI, 2014. p. 32).

Para entendermos melhor a respeito da Educação Estética, Estévez (2003, p. 75) nos diz que, o principal papel da educação estética se instaura “através de sua própria essência como um momento integrador da esfera psicológico-emocional” e este acontece na interação, com o outro e com o meio, e esta interação estimula no sujeito a vontade de conhecer e acima de tudo reconhecer o belo nas suas relações e ao seu redor, reconhecer a estética propriamente dita presente nas coisas simples e complexas, neste caso focado nos ambientes educacionais.

Por acreditarmos nessas vertentes educacionais, e por dessa forma, embasarmos nosso trabalho nesses conceitos, trazemos para a discussão a perspectiva Estético-Ambiental de educação, que funde a Educação Estética com a Educação Ambiental, e que, em nossa compreensão, não podem ser dissociadas. Assim de acordo com Dolci (2014):

A Educação Estético-Ambiental busca promover um repensar nas ações para alcançar novas ações, sendo a base para um agir reflexível. A Educação Estético-Ambiental é efetivada quando se tem como princípio compreender a realidade concreta, a fim de transformá-la, permitindo o entendimento do movimento das relações que definem a vida em sociedade. A Educação Estético-Ambiental está presente quando sinto que estou interligada aos sujeitos e às coisas; quando compreendo que pertencço ao lugar onde vivo e busco ter atitudes ambientais. (DOLCI, 2014. p. 45).

Vale destacar que em nossos estudos e em nossas ações, por meio de pesquisas e de oficinas realizadas pelo NUPEATRO, percebemos que é preciso proporcionar o espaço à emoção, ao afeto, ao ato de criar, ao cuidado com o outro. É nesses casos, mais especificamente, que concentramos os nossos estudos, pois acreditamos que a Educação Estética é capaz de desenvolver a atividade criadora nos sujeitos, de promover a “emancipação completa das qualidades e sentidos humanos” (MARX, 2010, p. 109). E acreditamos que na formação docente é o momento adequado de instigar tal desenvolvimento, revendo os conceitos e pré-conceitos já construídos e avançando para uma nova dimensão à vida humana. Acreditamos na Educação Ambiental por promover uma consciência cidadã ética, crítica e solidária na busca pela participação ativa dos sujeitos, a fim de desenvolverem novos hábitos e atitudes viabilizadores da mudança necessária nas relações sociais e na relação homem-natureza. O diálogo entre estas duas áreas do conhecimento é fundamental para a formação humana e assim em concordância com Dolci (2014) podemos dizer que

Educação Estético-Ambiental promove a ampliação dos sentidos humanos e, quando dizemos ampliação, estamos nos referindo ao sentimento que se faz presente em cada um dos sentidos humanos; com isso, o sujeito torna-se mais sensível e mais crítico em relação à realidade. Da mesma forma, consegue compreender a realidade pela percepção e pela interpretação dos acontecimentos; assim, as experiências são significadas porque fazem sentido para o sujeito. (DOLCI, 2014. p. 173).

Nesse sentido, acreditamos na Educação Estético-Ambiental porque “é o processo de desenvolvimento e emancipação das dimensões humanas por meio de experiências significadas em um contexto histórico e social, que propicia a práxis nas relações sociais, políticas e culturais.” (DOLCI; MOLON, 2015. p. 75).

Sob esse aspecto, os educadores da rede municipal de ensino do município de São José do Norte, tiveram contato com a experiência de testarem-se no âmbito sensorial, percebendo-se, sentindo-se, podendo então compreender o que é o que não é, e ainda refletirem sobre o que pode vir a ser. Tudo isto nada mais é que a práxis política e educacional, pois um educador que busque seguir sua práxis na linha da Educação Ambiental deve compreender primeiramente que o ato educacional é político (LOUREIRO, 2006), e após construir efetivamente esta concepção, este necessita se orientar enquanto eixo guia de sua práxis, sempre realizando o exercício de desenvolver sua prática aliada com a reflexão. Deste modo, este educador estará sempre transformando sua prática em busca de um fazer educacional libertador e transformador da realidade, um fazer educacional acima de tudo crítico, e que viabilize aos envolvidos no processo que estes venham a ser mais a partir da organização dos conhecimentos e de colocá-los em prática, deste modo, agir de acordo com o que este compreende do mundo, e suas ambições no âmbito da sociedade que almeja (DOLCI, 2014).

3. Oficinas Teatrais

Ao acompanhar o desenvolvimento deste trabalho, pensamos ser importante elucidar ao leitor o motivo pelo qual decidimos realizar essa experiência Estético-Ambiental por meio da linguagem teatral. Neste sentido, acreditamos que por meio do teatro se pode realizar uma prática educativa que propicie momentos de desenvolvimento pessoal para os educandos, e acreditamos que realizando essa oficina com os professores da rede municipal de educação de São José do Norte, estes possam compreender na prática as possibilidades de um trabalho com a linguagem teatral.

[...] a prática do Teatro na Escola favorece o resgate da **autoestima** do educando, pois se sente realizado pelo trabalho desempenhado, tornando-se mais **autoconfiante** e gostando mais de si mesmo. Dessa maneira, verifica-se que o aluno

apresenta um olhar e um posicionamento aprimorados, consistentes e prudentes acerca das pessoas e do mundo em que vive, sentindo satisfação e orgulho em participar de um grupo teatral. (DOLCI, 2003, p.80) (Grifo da autora).

Como podemos verificar na citação acima referenciada, a prática teatral proporciona momentos que possibilitam resgates e desenvolvimentos de questões bem pessoais, a autora nos fala em âmbito de uma sala de aula do Ensino Médio, mas isto é uma realidade em todas as faixas etárias, desde que haja um envolvimento dos indivíduos participantes haverá certa melhora em questões de cunho pessoal e social, além do aumento da autoestima. Há também uma melhora nas relações que são estabelecidas pelo sujeito, estando bem consigo mesmo, o sujeito interage com o ambiente que está ao seu redor de maneira efetiva, tendo orgulho de quem é e o que representa.

Para que fosse possível o trabalho nesse sentido, nos respaldamos em Boal (2012) que nos diz que o objetivo do teatro o qual ele acredita é: “desenvolver em todos a capacidade de se expressar através do teatro” (p.10), e é neste viés que direcionamos as práticas desenvolvidas durante a oficina, para que mais importante do que qualquer pesquisa, é a experiência a qual é possibilitada pelo teatro, a emancipação dos envolvidos e a expressão dos sentimentos.

Para justificar nossa escolha teórica de fundamentação, é importante compreender que teatro é coisa séria, é muito mais que uma simples prática lúdica a ser adotada em sala de aula, é uma linguagem sensível, que pode ser utilizada dependendo da opção metodológica, e quem decide utilizar esta filosofia de ensino deve conceber que estamos tratando de algo realmente importante durante nossa prática na oficina. Sobre isso, Boal (2012) nos diz que as regras no teatro “sempre existirão, para que todos participem e uma discussão profunda e fecunda possa nascer.” (p.50).

Acreditamos que seja importantíssimo acrescentar que estes exercícios teatrais realizados são essenciais para que haja um trabalho significativo com teatro, pois, segundo Boal (2012): “Os movimentos do dia a dia terminam por mecanizar nossos corpos; aqui nós tratamos de desmecanizá-los, desmontá-los.” (p.115). Essas atividades são essenciais para alcançar o objetivo pretendido deste trabalho com o teatro, que é a sensibilização dos sujeitos, desenvolver as capacidades sensoriais.

4. Metodologia

A abordagem desta pesquisa é qualitativa, pois buscamos aprofundar o conhecimento para obter a compreensão da realidade dos professores em suas diferentes manifestações,

durante a palestra e a oficina que foi realizada. Desse modo, situamos este estudo no campo da pesquisa qualitativa, por analisarmos os fenômenos em movimento como algo dinâmico e em processo de mudança. Segundo Silveira e Córdova (2009, p. 32) “o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. [...] O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações”.

Quanto aos objetivos é uma pesquisa exploratória, pois envolve “entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e análise de exemplos que estimulem a compreensão” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 35). Quanto aos procedimentos é classificada como uma pesquisa participante, visto que foi concebida com o propósito de uma ação transformadora a um grupo de professores participantes da palestra e da oficina a fim de aprofundar os ensinamentos acerca da Educação Estético-Ambiental. Segundo Silveira e Córdova, (2009) a pesquisa participante promove o envolvimento do pesquisador com os sujeitos investigados com o intuito de provocar alguma mudança nas suas ações.

Os sujeitos desta pesquisa são os professores da rede pública da cidade de São José do Norte que atuam na educação básica. Vale dizer que no total foram cinquenta professores participantes da palestra e da oficina. Dentre os cinquenta professores, apenas três responderam ao questionário. A coleta de dados ocorreu a partir das observações, dos diálogos, efetivados durante e após a palestra e a oficina, bem como do questionário, distribuído após a oficina.

Para a realização da análise e interpretação dos dados a serem problematizados nesta pesquisa apoiamos-nos na metodologia de análise de dados denominada Análise de Conteúdo (BARDIN, 2000). Resolvemos por esta escolha por esta metodologia ser:

um conjunto de técnicas de análise de comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permeiem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis indefinidas) destas mensagens. (BARDIN, 2000, p.42).

Esta análise foi realizada em três etapas, como nos elucida Bardin (2000) como sendo a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. A pré-análise consiste em uma “leitura flutuante”, ou seja, é realizada uma leitura minuciosa aos materiais produzidos na coleta de dados, os questionários propostos aos professores e professoras participantes do seminário. O segundo momento foi a categorização dos dados encontrados, que por se tratar de um trabalho mais sucinto, e por termos tido o retorno de apenas três

questionários respondidos, foi criada uma categoria única que procura compreender as impressões estabelecidas. E o terceiro momento é o tratamento dos dados, onde organizamos a escrita da análise presente neste trabalho.

5. Resultados e Discussões

Ao planejar a palestra e a oficina para o referido seminário, tivemos o cuidado de pensar em como oferecer subsídios para a construção da ampliação do conceito de Educação Ambiental, que por muitas vezes é diminuído às questões de conservação e preservação do ambiente natural. Formulamos nossas falas, de modo que ficasse claro os nossos conceitos em torno da Educação Ambiental, Educação Estética e Educação Estético-Ambiental, compreendemos que não seria possível propor a oficina teatral, sem que antes os ouvintes/participantes, conseguissem entender de que ponto estávamos partindo.

A palestra ocorreu no dia 26 de junho de 2018, logo que começamos a palestra, já notamos olhos curiosos e empolgados com o que estávamos apresentando, um momento único para nós palestrantes e autoras desse trabalho, percebemos ali que nossas ideias e convicções estavam sendo saboreadas e que nossos ouvintes, estavam em alguns momentos, surpresos com o que apresentávamos.

A participação nas oficinas teve uma aderência bem grande, nosso medo inicial que nossos ouvintes não quisessem participar, acabou logo que propomos a primeira atividade, ver professores tão soltos e abertos para o que estávamos propondo foi enriquecedor para a nossa pesquisa e nos deu uma impressão de que estávamos seguindo pelo caminho que realmente chamava a atenção do nosso público. Para nós foi um misto de sentimento ao realizarmos as atividades propostas, porque percebemos que tais práticas eram tidas como algo novo para a maioria daqueles professores. Confessamos que foi lindo ver a maneira como os professores se divertiam e ao mesmo tempo aprendiam de forma lúdica sobre o que propomos, uma síntese do que era Educação Ambiental e Educação Estético-Ambiental e as possibilidades que elas continham para se trabalhar em sala de aula, de forma a criar uma consciência não só de Educação Ambiental bem como de Estético-Ambiental, e como essa junção poderia ser um auxílio valioso para despertar em seus alunos uma visão totalmente diferente de Educação Ambiental e criando as possibilidades para um despertar crítico acerca da Natureza, o papel do homem nesse meio em que ele se encontra.

Tão logo a oficina terminou, alguns professores vieram a nós, para não somente registrarem nos questionários as suas impressões, como também para relatarem os significados que atribuíram a palestra. Alguns nos relataram que já faziam algumas práticas

estéticas no exercício da docência, mas que antes da nossa palestra, não as reconheciam como atividades também de Educação Ambiental.

Um exemplo importante de ressaltar aqui, é de um professor que tem um grupo de teatro na escola, que junto com seus alunos produzem peças e esquetes há alguns anos. Esse professor, nos fala que apesar de saber a importância que o teatro tem no desenvolvimento dos alunos, não reconhecia a sua prática pedagógica como um trabalho ambiental. Além de agradecer nosso auxílio, sugerimos alguns autores para que ele conseguisse se reconhecer enquanto educador ambiental. Esta verbalização do professor está em concordância com o pensamento de Educação Ambiental, de Loureiro (2012, p. 28) ao nos dizer que

numa perspectiva transformadora e popular de Educação Ambiental, nos educamos dialogando com nós mesmos, com aquele que identificamos como sendo de nossa comunidade, com a humanidade, com os outros seres vivos, com os ventos, as marés, os rios, enfim, o mundo, transformando o conjunto das relações pelas quais nos definimos como ser social e planetário. (LOUREIRO, 2012. p.28).

Outro momento importante foi um relato de uma professora quando ela explica que a partir das oficinas *“uma luz se acendeu para que eu realizasse o meu trabalho na escola, pois tenho em minha sala de aula alunos especiais e não encontrava uma forma para me aproximar deles, muitos deles possuem muitas especificidades”*. A realização dessa oficina se fez tão importante para ela, a ponto dela, cheia de emoção nos confessar que agora sim, poderia trabalhar com seus alunos de uma forma a despertá-los para o meio, para seus colegas, para a escola, para a vida. Sob este aspecto, estamos de acordo com o pensamento do autor Estévez (2009, p.55) ao nos ressaltar que trabalhar com a educação estética na sala de aula é *“um esforço por harmonizar o homem com o seu entorno: com o "outro" e com a natureza e, como contrapartida, da harmonização do homem como sua consciência, com o seu corpo e com a sua conduta, em um meio hostil”*. (ESTÉVEZ, 2009. p. 55)

Outro relato importante foi o de um professor, que nos disse a relevância de haver atividades como estas que realizamos com eles. Assim, ele estava se referindo a oficina de teatro, pois como ele nos disse: *“eu era considerado uma criança hiperativa e que nenhum professor acreditava em mim, até que uma professora enxergou em mim possibilidades através do Rap, onde as rimas que eu fazia passou a ser inspiração para ela trabalhar com os outros colegas em sala de aula”*. Em sua fala ele frisa a importância dessa professora em ter despertado nele algo a mais, em ter enxergado o Rap que ele fazia não apenas como divertimento, mas como uma forma de trabalhar vários assuntos sociais relacionados aos diversos tipos de preconceito. Nas falas dele, está presente a importância que uma atividade

estética pode vir a transformar, quando ele diz: *“Ela enxergou a minha essência, a minha arte e foi por ela ter acreditado em mim, que hoje sou professor e busco através da minha arte, que hoje descubro ter muito de “Estético-Ambiental” potencializar a forma de ensino quando ministro a minhas aulas”*. Esta verbalização deste professor entra em concordância com o pensamento de Estévez (2009, p. 28) quando nos diz que: *“os valores estéticos estão presentes em todas as relações que estabelece o homem com a natureza, com os outros homens e com a sociedade em seu conjunto que, em outra dimensão, costumamos catalogar como éticas, ecológicas, etc.”*

Em algumas falas advindas do questionário, podemos verificar que alguns professores tinham uma concepção diferenciada da que estávamos acostumadas a ver nas escolas, ou seja, uma educação conservacionista, voltada para o meio ambiente e para a reciclagem do lixo. Foi uma surpresa muito boa ter essa percepção de um professor do ensino básico, como podemos ver na fala de um dos professores participantes das oficinas, quando nos diz: *“Educação Ambiental para mim é o ser se entender e se descobrir agente do ambiente em que vive, de um ser capaz de mudar a realidade! Das relações que tem com o ambiente, com o outro e com nós mesmos.”*

Outra fala que denota como o professor do ensino básico está percebendo a importância da Educação Ambiental nos espaços escolares e do quanto o mesmo está entendendo o meio em que se encontra e mudando a sua concepção de uma Educação Ambiental conservacionista para uma Educação Ambiental consciente do lugar que o ser humano ocupa nesse espaço e da sua relação com a Natureza. Nesse sentido, há um entendimento quanto os dois estão intrinsecamente ligados, ou seja, a compreensão sobre a Educação Ambiental e a sua prática docente, presente nesta fala, também notamos esta compreensão acerca do questionário, quando diz que a sua compreensão de Educação Ambiental é: *“A relação do ser humano com o meio e com o outro.”* Esta expressão do professor está de acordo com o pensamento de Loureiro (2012, p. 145) ao afirmar que:

Educar para emancipar é reconhecer os sujeitos sociais e trabalhar com estes em suas especificidades. A práxis educativa transformadora é, portanto, aquela que fornece ao processo educativo as condições para ação modificadora e simultânea dos indivíduos e dos grupos sociais; que trabalha a partir da realidade cotidiana visando à superação das relações de dominação e de exclusão que caracterizam e definem a sociedade capitalista globalizada. (LOUREIRO, 2012, p.145)

Vale destacar que as respostas aos questionários que foram oferecidos aos participantes, verificamos um apelo para que oficinas como essas conseguissem chegar às escolas, que os alunos e professores dentro de suas especificidades, tivessem acesso a uma

outra possibilidade de aprendizado e de crítica através da Educação Estético-Ambiental, como podemos ver por meio da fala de um dos professores participante da oficina, onde o mesmo salienta a importância da realização dessas oficinas nas escolas: *“Que esse tipo de oficinas fossem oferecidas nas escolas, respeitando as suas especificidades.”* Esta fala nos remete ao pensamento de Estévez (2009, p. 11) ao nos declarar que

A qualidade dos sentimentos estéticos se manifesta na maturidade da percepção emocional da realidade, no valor do juízo estético e na capacidade de fruição do belo. Também se expressa no cultivo da beleza na vida pessoal e social e no impulso para a criação. Esses sentimentos se encontram inter-relacionados de maneira harmônica com as necessidades e interesses, com o ideal e o gosto estéticos. Quando a consciência estética alcança um alto nível de desenvolvimento, os sentimentos estéticos expressam a singularidade da personalidade e seu sentido criador.

Algumas professoras responderam que antes da palestra e da oficina, não trabalhavam com a Educação Estético-Ambiental, por não terem conceitos sobre o tema, porém que após esse momento significativo, atividades que valorizassem expressões, sentimentos, crítica, respeito e relações, com certeza passariam a fazer parte da sua prática docente, mas percebemos essa concepção explícita presente em uma verbalização em resposta ao questionário, quando um dos participantes disse sobre Educação Estético-Ambiental: *“Entendo ser a relação do outro com o meio e com o outro, porém, levando em consideração os sentimentos, as emoções, o respeito ao outro.”* Assim, podemos dizer que “na Educação Ambiental emancipatória, o desenvolvimento humano passa a ser visto e compreendido nas ações e relações, e o corpo como a expressão material da dinâmica biológica, genética, psicológica, mental, cultural, social e econômica, em contextos específicos” (LOUREIRO, 2012. p. 151 e 152). E que a Educação Estética é “uma concepção em que o mágico se funde com o real, como ocorre nas oficinas, onde acontecem coisas mais raras e interessantes que nos contos de magia, e são magia de verdade, mais linda que a outra” (ESTÉVEZ, 2009. p. 50 e 51).

Empatia foi a palavra que mais marcou durante nossa oficina teatral, professores relataram que o trabalho com o teatro e com as atividades propostas nas oficinas, abre possibilidades para que os estudantes consigam se colocar no lugar do outro, vivenciar o que o outro vive e compreendê-lo antes de um pré-julgamento e que essa permuta de papéis, desenvolve a empatia, auxiliando muito no desenvolvimento de relações saudáveis e significativas para as crianças e jovens.

As relações têm grande importância em nosso processo de desenvolvimento, nessa experiência, construímos relações muito prazerosas com nossos ouvintes e com a organização

do evento, deixando as portas abertas para voltarmos e até propormos novas atividades não só em eventos, mas em formações docentes e dentro das escolas. Os contatos que ficamos, nos mostra o quão significativo foi essa experiência para os sujeitos envolvidos nesse processo, incluindo nós mesmas. Ter novos convites e possibilidades foi a maior resposta que poderíamos ter em questão de significados que construímos.

5. Considerações finais

O trabalho realizado com os professores de educação básica da rede pública de São José do Norte impulsionou ainda mais os nossos esforços e ratificou as nossas crenças acerca do desenvolvimento da Educação Estético-Ambiental no ambiente escolar.

Diante das falas dos professores e das respostas aos questionários constatamos o quanto foi significativa a experiência de participar da oficina de teatro e que trabalhos como este deveriam ser multiplicados no ambiente escolar para que os alunos e os professores dentro de suas especificidades, tivessem acesso a uma outra possibilidade de aprendizado e de crítica através da Educação Estético-Ambiental.

A receptividade que tivemos no que diz respeito a proposta, palestra e oficina, realizada com os professores, ficando nítido para nós que as oficinas que realizamos tiveram um impacto significativo nos professores. Conforme podemos perceber nas verbalizações dos professores que os mesmos desconheciam o conceito de Educação Ambiental crítica, emancipatória e transformadora defendida por Loureiro (2009), e a partir da palestra eles conseguiram reformular os conceitos acerca da Educação Ambiental, ultrapassando a ideia de uma Educação Ambiental apenas preservacionista e conservacionista, indo além eles conseguiram visualizar que desenvolvem um trabalho na perspectiva da Educação Ambiental em busca da criticidade, da emancipação e da transformação do outro.

Da mesma forma, a partir da palestra e da oficina os professores conseguiram compreender o conceito de Educação Estética e afirmaram em suas falas que é a educação dos sentimentos e que se faz tão necessária nas relações de ensino e aprendizagem, como também na relação entre os sujeitos.

Ressaltamos que o grupo de professores compreenderam o diálogo entre as duas áreas do conhecimento, ou seja, a união da Educação Ambiental e da Educação Estética, que resulta na Educação Estético-Ambiental, na qual mobilizamos esforços para corroborar a sua importância na educação. Destacamos que os professores entenderam que trabalhar na perspectiva estético-ambiental possibilita o desenvolvimento e a ampliação dos sentidos humanos, compreendendo a realidade pela percepção e pela interpretação dos fatos.

Nesse sentido, podemos dizer que fomos contagiadas pela empolgação e motivação tanto nas verbalizações dos professores quanto nas suas ações durante a oficina de teatro. Compreendemos que trabalhos como este são significativos para que outros professores possam também ser conhecedores e praticantes de uma educação que liberta, que impulsiona, que alegra, que desperta não só os sentidos como também o senso crítico. Pensar que essa prática surtiu um efeito proveitoso nesses sujeitos e que o conhecimento compartilhado será propagado nas escolas, nas salas de aula e poder compartilhar saberes que acreditamos e verificamos o quão transformador pode ser na vida dos sujeitos em busca de uma educação para além dos portões da escola, uma educação para a vida. Visto que acreditamos que o teatro promove um ambiente de leveza, de exteriorizar os sentimentos, de despertar as sensações e os sentidos, pois o teatro promove este movimento de olhar o outro de maneira a perceber-se no mundo e seu lugar no mundo. Desse modo, para nós, Educação Estético-Ambiental é a educação que torna o ser humano, de fato, humano.

Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000.

BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não atores*. 15ª ed.- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

DOLCI, Luciana Netto. *A influência do teatro no desenvolvimento do aluno*. Porto Alegre: PUCRS, 2003. Orientador: Prof. Dr. Pergentino Stefano Pivatto. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação, PUCRS, 2003, p. 135.

DOLCI, Luciana Netto. *Educação Estético-Ambiental: Potencialidades do teatro na prática docente*. Rio Grande: FURG, 2014. Orientadora Prof. Dr. Susana Inês Molon. Tese (Doutorado) Instituto de Educação, Programa de pós-graduação em Educação Ambiental, Furg, 2014, p.201.

DOLCI, Luciana Netto. MOLLON, Suzana Inês. Educação Estético-Ambiental na produção científica de dissertações e teses no Brasil. *Ambiente & Educação*, v. 20, p. 65-80, 2015.

ESTÉVEZ, Pablo René. *A educação estética: experiências da escola cubana*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2003.

ESTÉVEZ, Pablo René. *A alternativa estética na educação*. Traduzido por João Reguffe. - Rio Grande: Ed. da FURG, 2009.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. *Trajatórias e fundamentos da educação ambiental*. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 2012.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. *Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental*. São Paulo: Cortez, 2006.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Tradução Jesus Ranieri. 4ª ed. São Paulo: Boitempo, 2010

REIGOTA, Marcos. *O que é Educação Ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 2012. –(Coleção Primeiros Passos; 292)

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de pesquisa*. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.